

Índice

Nota Prévia 13

Contos, Parábolas, Fragmentos

TEXTOS PUBLICADOS EM VIDA DO AUTOR

Em livro:

MEDITAÇÃO [<i>Betrachtung</i>]	23
Crianças na estrada [<i>Kinder auf der Landstraße</i>]	25
Desmascaramento de um burlão [<i>Entlarvung eines Bauernfängers</i>]	29
O passeio inesperado [<i>Der plötzliche Spaziergang</i>]	31
Resoluções [<i>Entschlüsse</i>]	32
A excursão às montanhas [<i>Der Ausflug ins Gebirge</i>]	33
A desdita do solteirão [<i>Das Unglück des Junggesellen</i>]	34
O comerciante [<i>Der Kaufmann</i>]	35
Um olhar distraído pela janela [<i>Zerstreutes Hinausschauen</i>]	37
O caminho para casa [<i>Der Nachhauseweg</i>]	38
Os transeuntes [<i>Die Vorüberlaufenden</i>]	39
O passageiro [<i>Der Fahrgast</i>]	40
Vestidos [<i>Kleider</i>]	41
A rejeição [<i>Die Abweisung</i>]	42
À ponderação dos cavaleiros amadores [<i>Zum Nachdenken der Herrenreiter</i>]	43
A janela que dá para a rua [<i>Der Gassenfenster</i>]	45
O desejo de ser índio [<i>Wunsch, Indianer zu werden</i>]	46
As árvores [<i>Die Bäume</i>]	47
Ser-se infeliz [<i>Unglücklichsein</i>]	48

A SENTENÇA [<i>Das Urteil</i>]	53
UM MÉDICO DE ALDEIA [<i>Ein Landarzt</i>]	67
O novo advogado [<i>Der neue Advokat</i>]	69
Um médico de aldeia [<i>Ein Landarzt</i>]	71
Na galeria [<i>Auf der Galerie</i>]	77
Contos velhos [<i>Ein altes Blatt</i>]	79
À porta da lei [<i>Vor dem Gesetz</i>]	82
Chacais e árabes [<i>Schakale und Araber</i>]	84
Uma visita à mina [<i>Ein Besuch im Bergwerk</i>]	88
A aldeia vizinha [<i>Das nächste Dorf</i>]	91
Uma mensagem imperial [<i>Eine kaiserliche Botschaft</i>]	92
A preocupação do pai de família [<i>Die Sorge des Hausvaters</i>]	94
Onze filhos [<i>Elf Söhne</i>]	96
Um fratricídio [<i>Ein Brudermord</i>]	101
Um sonho [<i>Ein Traum</i>]	104
Um relatório a uma academia [<i>Ein Bericht für eine Akademie</i>]	107
UM ARTISTA DA FOME [<i>Ein Hungerkünstler</i>]	121
Primeiras penas [<i>Erstes Leid</i>]	123
Uma mulher baixinha [<i>Eine kleine Frau</i>]	126
Um artista da fome [<i>Ein Hungerkünstler</i>]	134
Josefina, a cantora ou O povo dos ratos [<i>Josefine die Sängerin oder Das Volk der Mäuse</i>]	144
<i>Em revistas e jornais:</i>	
Conversa com o homem que rezava [<i>Gespräch mit dem Beter</i>]	161
Conversa com o bêbedo [<i>Gespräch mit dem Betrunkenen</i>]	168
Grande barulho [<i>Großer Lärm</i>]	172
O cavaleiro do balde [<i>Der Kübelreiter</i>]	173
CONTOS, PARÁBOLAS E FRAGMENTOS NARRATIVOS PUBLICADOS POSTUMAMENTE	177
Preparativos de um casamento no campo (versão A) [<i>Hochzeitsvorbereitungen auf dem Lande (Fassung A)</i>]	179
Preparativos de um casamento no campo (versão B) [<i>Hochzeitsvorbereitungen auf dem Lande (Fassung B)</i>]	198
Descrição de um combate (versão B) [<i>Beschreibung eines Kampfes (Fassung B)</i>]	203

O mestre-escola de aldeia [<i>Der Dorfschulmeister</i>]	231
Um jovem estudante ambicioso [<i>Ein junger ehrgeiziger Student</i>]	245
Blumfeld, um solteirão de certa idade [<i>Blumfeld, ein älterer Junggeselle</i>]	248
A ponte [<i>Die Brücke</i>]	270
O caçador Graco [<i>Der Jäger Gracchus</i>]	272
Ontem, veio visitar-me uma prostração [<i>Gestern kam eine Ohnmacht zu mir</i>]	281
No nosso prédio [<i>In unserm Haus</i>]	282
Eu tenho [<i>Ich habe</i>]	284
Realmente, eu devia [<i>Ich hätte mich doch wohl</i>]	285
Durante a construção da Muralha da China [<i>Beim Bau der Chinesischen Mauer</i>]	286
A pancada no portão da quinta [<i>Der Schlag ans Hoftor</i>]	299
Quando cheguei a casa ao fim do dia [<i>Als ich abend nachhause kam</i>]	301
O vizinho [<i>Der Nachbar</i>]	303
Um cruzamento [<i>Eine Kreuzung</i>]	305
As minhas duas mãos [<i>Meine zwei Hände</i>]	307
Finalmente, as nossas tropas [<i>Endlich gelang es unsern Truppen</i>]	309
K. era um grande prestidigitador [<i>K. war ein großer Taschenspieler</i>]	310
Ontem, estive pela primeira vez [<i>Gestern war ich zum erstenmal</i>]	311
Era uma reunião social com muita gente [<i>Es war eine sehr große Gesellschaft</i>]	313
Há muita gente aqui à espera [<i>Es sind viele hier, die warten</i>]	314
Até ao momento, eu não reparara [<i>Ich habe eine Tür in meiner Wohnung</i>]	315
Um incidente vulgar [<i>Ein alltäglicher Vorfall</i>]	316
A verdade sobre Sancho Pança [<i>Die Wahrheit über Sancho Pansa</i>]	318
O silêncio das sereias [<i>Das Schweigen der Sirenen</i>]	319
Uma comunidade de patifes [<i>Eine Gemeinschaft von Schurken</i>]	321
Um primeiro sinal [<i>Ein erstes Zeichen</i>]	322
Uma carroça [<i>Ein Bauernwagen</i>]	323
Prometeu [<i>Prometheus</i>]	324
A seus olhos, tudo se moldava [<i>Alles fügte sich ihm</i>]	325
O conde estava a almoçar [<i>Der Graf saß beim Mittagessen</i>]	326
Uns dizem [<i>Manche sagen</i>]	327
Ele fechou-se à chave [<i>Er hat sich im zweiten Zimmer</i>]	328
Estive de visita aos mortos [<i>Ich war bei den Toten zu Gast</i>]	329
Quem é? [<i>Wer ist es?</i>]	332

Eu amava uma moça [<i>Ich liebte ein Mädchen</i>]	333
Entrava-se no jardim [<i>Es war ein äußerst niedriges Türchen</i>]	334
Eu estava junto à porta [<i>Ich stand nahe der Tür</i>]	336
Para dizer a verdade [<i>Um die Wahrheit zu sagen</i>]	338
Eu ia a remar num lago [<i>Ich ruderte auf einem See</i>]	340
De noite [<i>Nachts</i>]	341
A rejeição (II) [<i>Die Abweisung (II)</i>]	342
Sobre a questão das leis [<i>Zur Frage der Gesetze</i>]	348
Os recrutamentos de tropas [<i>Die Truppenaushebungen</i>]	351
Temos vergonha de dizer [<i>Man schämt sich zu sagen</i>]	354
Pousado sobre a mesa [<i>Auf dem Tisch</i>]	355
Afiei a gadanha [<i>Ich schärfte die Sense</i>]	356
“Mas tudo isso é inútil” [“ <i>Das alles ist ja nutzlos</i> ”]	357
Eu postara uma sentinela [<i>Ich hatte mitten in den Sumpfwäldern</i>]	358
Mordia o lábio inferior [<i>Die Unterlippe hielt er</i>]	359
Eu estava diante do engenheiro da mina [<i>Ich stand vor dem Bergingenieur</i>]	361
Eu luto [<i>Ich kämpfe</i>]	363
Ao irem para casa ao fim da tarde [<i>Feldarbeiter fanden</i>]	364
“Qual é a base do teu poder?” [“ <i>Worauf beruht Deine Macht?</i> ”]	366
Posídon [<i>Poseidon</i>]	369
Eu estava sentado no camarote [<i>Ich saß in der Loge</i>]	371
Comunidade [<i>Gemeinschaft</i>]	373
Em pé, à força de remos [<i>Ich ruderte stehend</i>]	374
O brasão da cidade [<i>Das Stadtwappen</i>]	376
O timoneiro [<i>Der Steuermann</i>]	378
Consolidação [<i>Konsolidierung</i>]	379
O teste [<i>Die Prüfung</i>]	381
O abutre [<i>Der Geier</i>]	383
Pequena fábula [<i>Kleine Fabel</i>]	384
O pião [<i>Der Kreisel</i>]	385
A partida [<i>Der Aufbruch</i>]	386
Defensores [<i>Fürsprecher</i>]	387
De uma taberna, ouvia-se cantar [<i>Es kam Gesang aus einer Kneipe</i>]	390
Na nossa sinagoga [<i>In unserer Synagoge</i>]	391
Eu metera-me num silvado impenetrável [<i>Ich war in ein undurchdringliches Dornengebüsch geraten</i>]	395
Era uma vez um jogo de paciência [<i>Es war einmal ein Geduldsspiel</i>]	396
Tive desde sempre [<i>Ich habe seitjeher</i>]	397

Investigações de um cão [<i>Forschungen eines Hundes</i>]	398
Cenas da defesa de uma quinta [<i>Bilder von der Verteidigung eines Hofes</i>]	433
Não se pára de construir na cidade [<i>In der Stadt wird immerfort gebaut</i>]	438
Eu estava a residir [<i>Ich wohnte</i>]	440
Enterrei o meu entendimento [<i>Ich habe meinen Verstand</i>]	442
Um comentário [<i>Ein Kommentar</i>]	443
Das parábolas [<i>Von den Gleichnissen</i>]	444
O casal [<i>Das Ehepaar</i>]	445
Regresso a casa [<i>Heimkehr</i>]	450
A toca [<i>Der Bau</i>]	451
O mundo da cidade [<i>Die städtische Welt</i>]	484
Ernst Liman chegou a Constantinopla [<i>Ernst Liman kam</i>]	489
A senhoria [<i>Die Vermieterin</i>]	493
Todas as noites [<i>Jeden Abend</i>]	495

Crianças na estrada

Eu ouvia os carros a passar ao longo do gradeamento do jardim, por vezes via-os também por entre os buracos da folhagem que oscilavam ao de leve. Como rangia a madeira dos seus raios e lanças ao Verão escaldante! Dos campos, vinham os trabalhadores, rindo-se que era uma vergonha.

Estava sentado no nosso pequeno baloiço, descansando entre as árvores do jardim dos meus pais.

Em frente ao gradeamento, era um corrupio. Crianças em passo de corrida desapareciam num ápice; carroças de cereais com homens e mulheres sentados em cima dos feixes e à volta deles escureciam os canteiros de flores; à tardinha, vi um senhor de bengala a passear sem pressas e algumas raparigas que, de braço dado, se cruzaram com ele desviaram-se, ao cumprimentar, para a erva da berma.

Depois, pássaros levantaram voo como salpicos, segui-os com o olhar, vi-os a ganhar altura de um só fôlego até já não acreditar que eram eles a ganhar altura, mas sim eu a cair, e, agarrando com firmeza nas cordas por me sentir fraco, comecei a baloiçar um pouco. Não tardei a baloiçar com mais força, numa altura em que o vento já soprava mais frio e, em vez dos pássaros a voar, apareceram estrelas tremeluzentes.

Serviram-me o jantar à luz das velas. Estive quase sempre com ambos os braços pousados no tampo de madeira e foi já cansado que mordi a minha fatia de pão com manteiga. As cortinas, muito esburacadas, enfunavam ao vento quente e, por vezes, alguém que ia a passar lá fora segurava-as com as mãos quando queria ver-me melhor

e falar comigo. Normalmente, a vela não tardava a apagar-se e os mosquitos andavam ainda às voltas em grupo durante um certo tempo no fumo escuro dela. Se alguém me fizesse uma pergunta pela janela, eu mirava-o como se estivesse a olhar para as montanhas ou só para o ar, e esse alguém também não estava muito interessado numa resposta.

Mas, se alguém saltava então por cima do parapeito da janela com o anúncio de que os outros já estavam em frente da casa, eu punha-me de pé com um suspiro.

“Mas que suspiros são esses? Afinal, que é que aconteceu? Foi uma desgraça especial, irreparável? Nunca poderemos recuperar dela? Está tudo realmente perdido?”

Nada estava perdido. Corríamos para diante da casa. “Graças a Deus que finalmente apareceis!” — “Vens sempre atrasado!” — “Mas eu o quê?” — “Tu, pois, fica em casa, se não queres vir connosco.” — “Sem quartel!” — “O quê? Sem quartel? Que estás para aí a dizer?”

Enfiámo-nos de cabeça pelo fim do dia adentro. Não havia nem dia nem noite. Ora os botões dos nossos coletes roçavam uns nos outros como se fossem dentes, ora corríamos a uma distância uniforme, de boca esbraseada, como os animais nos Trópicos. Batendo com os pés como couraceiros em velhas guerras e dando saltos para o ar, empurrámo-nos pela curta rua abaixo e, com este balanço nas pernas, outra vez pela estrada acima. Alguns metiam-se pela valeta, mal desapareciam diante do aterro escuro, já estavam lá em cima no caminho dos campos, como pessoas estranhas, a olhar para baixo.

“Descei daí, vá lá!” — “Vinde primeiro cá acima!” — “Para nos atirardes para baixo, nem pensar, não somos assim tão burros.” — “Sois assim tão cobardes, é o que quereis dizer. Vinde, vinde!” — “Ai sim? Vós? Vós é que ides atirar-nos para baixo? Essa é que era boa!”

Lançámo-nos ao assalto, apanhámos um encontrão no peito e deitámo-nos na erva da valeta, caindo de livre vontade. Tudo estava uniformemente aquecido, estendidos na erva não sentíamos nem calor nem frio, ficava-se só cansado.

Se nos virássemos para o lado direito, pondo a mão debaixo da orelha, era fácil adormecer. É certo que queríamos voltar ainda a levantar-nos de queixo erguido, mas para cairmos numa valeta mais funda. Depois, com o braço estendido em cruz, as pernas entortadas,

queríamos lançar-nos contra o ar, na certeza de cairmos outra vez numa valeta ainda mais funda. E não queríamos de modo nenhum parar com isto.

Mal pensávamos ainda em como nos estiraríamos ao máximo na última valeta, sobretudo os joelhos, para dormirmos a sério, e estávamos estendidos de costas como se estivéssemos doentes, com vontade de chorar. Pestanejámos, quando aconteceu um rapaz, de cotovelos encostados aos quadris, saltar por cima de nós do aterro para a estrada com solas escuras.

Via-se a Lua já bastante alta, passou um carro dos correios ao luar. Levantou-se por todo o lado um vento ligeiro, mesmo na valeta se sentia, e, ali perto, o bosque começou a rumorejar. Agora, não estávamos muito interessados em estar sozinhos.

“Onde estais?” — “Vinde cá!” — “Todos juntos!” — “Que estás tu a esconder-te, deixa-te de parvoíces!” — “Não sabeis que o correio já passou?” — “Olha que esta! Já passou?” — “Claro, passou estavas tu a dormir.” — “Estive a dormir? Olha que essa!” — “Cala a boca, estás mesmo com ar disso.” — “Mas ouve lá.” — “Vinde!”

Corremos mais chegados uns aos outros, alguns davam-se as mãos, não se conseguia erguer suficientemente a cabeça, porque o caminho era a descer. Alguém soltou um grito de guerra índio, deu-nos um galope nas pernas como nunca, ao saltarmos, o vento levantava-nos pelas ancas. Nada teria podido deter-nos; íamos numa tal passada que mesmo ao fazermos ultrapassagens podíamos cruzar os braços e olhar tranquilamente em volta.

Na ponte do riacho, parámos; os que tinham continuado a correr voltaram para trás. A água lá em baixo batia nas pedras e nas raízes como se não fosse já à noitinha. Não havia razão nenhuma para não se saltar para o parapeito da ponte.

De trás de umas moitas distantes, saiu um comboio, todos os compartimentos estavam iluminados, as janelas, de certeza, descidas. Um de nós começou a cantar uma cantiguinha da moda, mas todos queríamos cantar. Cantávamos muito mais depressa do que o comboio seguia, balançávamos os braços, porque a voz não bastava, metemo-nos com as vozes numa confusão em que nos sentíamos bem. Quando misturamos a nossa voz com outras é como se tivéssemos sido apanhados num anzol.

Assim cantámos, com o bosque pelas costas, aos ouvidos dos viajantes lá ao longe. Os adultos ainda estavam acordados na aldeia, as mães estavam a abrir as camas para a noite.

Já eram horas. Dei um beijo ao que estava ao pé de mim, estendi as mãos por desfatio aos três mais próximos, pus-me a correr para casa pelo mesmo caminho, ninguém chamou por mim. Na primeira encruzilhada, em que eles já não podiam ver-me, mudei de direcção e corri pelos caminhos dos campos de volta ao bosque. A minha ideia era ir para a cidade que ficava ao sul e de que se dizia na nossa aldeia:

“As pessoas que ali há! Vejam lá, não dormem!”

“E porque não?”

“Porque não ficam cansadas.”

“E porque não?”

“Porque são uns tolos.”

“Mas então os tolos não se cansam?”

“Como é que os tolos podiam cansar-se!”

Desmascaramento de um burlão

Finalmente, por volta de umas 10 horas da noite, vi-me à entrada da casa senhorial onde estava convidado para uma recepção, acompanhado por um homem que só conhecia vagamente de tempos idos e que, desta vez, se me juntara de novo sem eu estar à espera e me arrastara duas horas às voltas pelas ruas.

“Ora bem!”, disse eu, batendo as palmas em sinal da necessidade imperiosa da despedida. Fizera já algumas tentativas menos peremptórias. Estava morto de cansaço.

“Vai já subir?”, perguntou ele. Ouvi um ruído na sua boca como dos dentes a baterem uns nos outros.

“Vou.”

Afinal, eu estava convidado, tinha-lhe dito logo. Mas estava convidado a subir, para o local onde tanto gostaria de já estar, e não a ficar aqui em baixo diante do portão a olhar para além das orelhas do homem postado à minha frente. E, ainda por cima, a ficar com ele sem dizer nada, como se estivéssemos decididos a permanecer muito tempo neste sítio. Ao mesmo tempo, as casas em volta associavam-se já a este silêncio, e a escuridão sobre elas, até às estrelas. E os passos de transeuntes invisíveis, cujos caminhos não se tinha vontade de adivinhar, o vento, que constantemente se colava ao lado fronteiro da rua, um gramofone a cantar de encontro às janelas fechadas de um quarto qualquer — faziam-se ouvir de dentro deste silêncio, como se este lhes pertencesse desde sempre e para sempre.

E o meu acompanhante submeteu-se, em seu e — após um sorriso — também em meu nome, levantou o braço direito, estendendo-o ao longo da parede, e encostou-lhe o rosto, fechando os olhos.